



"SOB O OLHO DELE": UM OLHAR BÍBLICO-TEOLÓGICO SOBRE A SÉRIE TELEVISIVA *THE HANDMAID'S TALE*¹

"UNDER HIS EYE": A BIBLICAL-THEOLOGICAL LOOK AT THE TELEVISION SERIES *THE HANDMAID'S TALE*

Ingrid Smarzar Rodrigues Schultz²
Ruben Marcelino Bento da Silva³

Resumo:

O artigo examina a representação do uso da Bíblia no enredo da série de TV *The Handmaid's Tale*, com foco em seu primeiro episódio e interesse primordial na realização da “Cerimônia”, ritual de reprodução biológica instituído pelas autoridades governamentais da República de Gileade. O estudo será dividido em quatro partes. A primeira faz uma apresentação do episódio. A segunda oferece um panorama histórico sobre as relações de autoridade que a Bíblia vem desempenhando nas sociedades ocidentais. A terceira traz uma investigação exegética concisa de Gênesis 30.1-8, passagem que fundamenta teologicamente a “Cerimônia”. Por fim, na quarta parte, verifica-se se a leitura da Bíblia que se pratica na ficção da série pode ser sustentada a partir de uma interpretação da perícopa que leve em conta questões históricas e contextuais.

Palavras-chaves: Offred; Autoridade da Bíblia; Fundamentalismo; República de Gileade; Cerimônia.

Abstract:

The article examines the representation of the use of the Bible in the plot of the TV series *The Handmaid's Tale*, focusing on its first episode and a primary interest in conducting the “Ceremony”, a biological reproduction ritual instituted by the government authorities of the Republic of Gilead. The study will be divided into four parts. The first makes a presentation of the episode. The second provides a historical overview of the authoritative relationships that the Bible has been playing in Western societies. The third brings a concise exegetical investigation of Genesis 30.1-8, a passage that theologically bases the “Ceremony”. Finally, in the fourth part, it is verified if the reading of the Bible that is practiced in the fiction of the series can be sustained from an interpretation of the pericope that takes into account historical and contextual issues.

Keywords: Offred; Bible Authority; Fundamentalism; Republic of Gilead; Ceremony.

¹ Enviado em: 30.09.2020. Aceito em: 16.12.2020.

² Graduanda em Teologia na Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Contato: ingridsmarzaro@gmail.com

³ Doutor e Mestre em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Licenciado em Letras pela Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro, RJ). Docente na Graduação da Faculdades EST. Membro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial — ASPAS (Leopoldina, MG) e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Arte Sequencial, Mídias e Cultura Pop do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Contato: rubenmbs40@gmail.com

INTRODUÇÃO

Um contexto sombrio onde o futuro da humanidade está em perigo compõe o plano de fundo da série televisiva *The Handmaid's Tale* (*O Conto da Aia*). Baseando-se na obra literária de mesmo título, escrita por Margaret Atwood e publicada em 1985, a produção ganha forma pelas mãos do diretor Bruce Miller a partir de 2017. Na trama, um grupo cristão autointitulado “Filhos de Jacó”, por meio de um golpe de Estado, implanta uma ditadura teocrática que passa por cima de toda concepção de direitos humanos e apossa-se da liberdade das mulheres, transformando-as em escravas para a recém-instaurada República de Gileade. Entre as determinações legais que institucionalizam a subjugação feminina à estrutura governamental, destaca-se uma prática ritual de execução de estupros que se fundamenta no texto bíblico de Gênesis 30. 1-8. Trata-se do ato denominado “Cerimônia”.

Neste artigo, portanto, propomo-nos a examinar a relação da Bíblia com o poder das autoridades políticas da República de Gileade no primeiro episódio da série, detendo-nos, em especial, no ato da “Cerimônia”. Nosso estudo será dividido em quatro partes. A primeira faz uma apresentação do episódio. A segunda oferece um panorama histórico sobre as relações de autoridade que a Bíblia vem desempenhando nas sociedades ocidentais. A terceira traz uma investigação exegética concisa de Gênesis 30.1-8, passagem que fundamenta teologicamente a “Cerimônia”. Por fim, na quarta parte, pretendemos verificar se a leitura da Bíblia que se pratica na ficção da série pode ser sustentada a partir de uma interpretação da perícopa que leve em conta questões históricas e contextuais.

BREVE DESCRIÇÃO DO PRIMEIRO EPISÓDIO: “OFFRED”

No episódio piloto de *The Handmaid's Tale*⁴, as primeiras cenas recuperam o momento em que a personagem principal, June Osborne (interpretada por Elisabeth Moss), é separada de seu marido e de sua filha pelas forças policiais da República de Gileade. A tentativa de fuga frustrada acaba levando June a um novo contexto social completamente diferente daquele em que vivia. A primeira aparição dela nessa outra realidade acontece em um pequeno quarto escuro e fechado onde agora se identifica com outro nome: Offred.⁵ Suas vestes, compostas por touca branca e longas roupas em tom de vermelho, são específicas e indicam o novo grupo social do qual faz parte: ela é uma aia.

As marcas do Estado teocrático são visíveis por toda parte no cotidiano das pessoas. As aias cumprimentam-se com frases estereotipadas: “Sob o Olho Dele” e “Bendito seja o fruto”. A resposta: “Que o Senhor possa abrir”. O sentimento que impera é o de um Deus vigilante, pronto a exercer seu poder e impor disciplina por “punhos de ferro”; na verdade, um encargo de que se ocupavam as figuras masculinas daquela sociedade.

Em um determinado momento do episódio, Offred relembra sua passagem chocante pelo Centro Vermelho, local de preparação das aias. Sentadas em carteiras escolares, as recém-incumbidas servas eram coagidas a atentarem para o que ensinava Tia Lydia (Ann Dowd), a líder

⁴ THE HANDMAID'S TALE. Roteiro: Bruce Miller. Intérpretes: Elisabeth Moss, Yvonne Strahovski, Joseph Fiennes e outros. Los Angeles, CA: Hulu, 2017. Episódio piloto da 1ª temporada: Offred (57 min), son., color. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7363621/programa/?s=57m33s>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

⁵ Os nomes dados às aias estavam ligados aos chefes de família e de Estado a quem elas serviam. Em um sentido de propriedade, todas as servas são por si “Of” (“de”). No caso de Offred, “Of” + “Fred”, Comandante da República de Gileade e líder familiar.

responsável pela formação das mulheres obrigadas a servir ao Estado com seus corpos. A dirigente explica que a radiação e o uso de defensivos agrícolas contribuíram para um cenário crítico em relação à concepção de vida no planeta. A maior parte dos seres humanos foi acometida por um quadro de infertilidade. A partir disso, Tia Lydia justifica a escolha das mulheres que estão ali como um propósito divino para servir aos líderes dos fiéis e suas esposas inférteis, dando-lhes filhos e filhas. A família bíblica de Jacó, Raquel e Bila (Gênesis 30.1-3) respaldava o serviço a que seriam obrigadas enquanto aias.

O contexto principal retorna com os preparativos de Offred para o dia da “Cerimônia”, principal rito da ordem estatal da República. Ela acontecia uma vez no mês, no dia considerado mais fértil da mulher. Uma aia perdia completamente sua identidade e tornava-se uma ferramenta a ser “utilizada” em momento oportuno. A própria Offred comenta, em pensamento, a sensação que tem de si própria ao preparar-se para o momento ritual: “A ‘Cerimônia’ requer um banho. Preciso ficar limpa. Lavada e escovada como um porco premiado”.⁶ Na sala da residência, num momento onde todos os moradores e todas as moradoras do lar se reúnem para a primeira parte da celebração, Fred (Joseph Fiennes), representando o chefe da família, procede à leitura de Gênesis 30.1-4 como forma de rememoração e preparação para o ato em si. Na segunda etapa, adentram o quarto do casal apenas o marido, a esposa e a aia. Ali Fred estupra ritualmente Offred, que tem seus braços imobilizados por Serena (Yvonne Strahovski).

Tanto na tradição bíblica quanto no cenário crítico da série, a infertilidade se apresentava como um perigo. Todavia, por trás da dádiva divina que era conceber filhos e filhas num contexto tão hostil para reprodução no planeta, havia um alto custo para as mulheres ainda férteis, as aias. Nesse sentido, é possível qualificar a trama como uma distopia. Mas o que isso significa? Barros, num artigo sobre o longa-metragem *Metrópolis* (1926), do cineasta alemão Fritz Lang (1890-1976), concentra-se no que ele chama de Cidades-Cinema, especialmente aquela que dá nome à produção e que ele classifica sob a categoria analítica de distopia. O autor explica o termo da seguinte maneira:

O conceito foi construído por oposição ao conceito de **Utopia** (grifo no original) – palavra que surge pela primeira vez nomeando a cidade imaginária que foi idealizada por Thomas Morus (1516) como *locus* de uma sociedade perfeita. Morus tinha consciência de que uma sociedade tal como aquela que propunha não poderia existir em sua época, e por isso inscreveu no próprio nome de sua cidade imaginária a idéia [sic] de que ela não estava em “nenhum lugar”. [...] Posteriormente, a expressão tornou-se um substantivo utilizado para se referir a cidades ou sociedades imaginárias nas quais os seres humanos tivessem conseguido resolver todos os seus problemas fundamentais. [...] O vocábulo “distopia” surge como designativo de uma “utopia negativa”. John Stuart Mill teria utilizado a expressão em um discurso parlamentar de 1868, referindo-se a uma sociedade ou idealização que, ao contrário da utopia – que seria demasiado boa para ser praticável – seria demasiado má para ser praticável [...]. No Grego Antigo, o prefixo “dis” pode significar “mau”, “estranho”, “anormal” [...]. Deste modo, a distopia se apresentaria como uma anti-utopia [sic], ou como uma utopia negativa: aquilo que, ao contrário de representar uma sociedade que conseguiu libertar ao homem e oferecer-lhe uma vida plena e perfeita, implicaria na sua opressão e na institucionalização de verdadeiros pesadelos. Ao não-lugar [sic] otimista das utopias – estas sociedades imaginárias que existem “fora do tempo” – poderia ser contraposto o pessimismo das distopias, que normalmente são situadas em um

⁶ *The bath is required before the “Ceremony”. I am to make myself clean. Washed and brushed like a prized pig.* THE HANDMAID’S TALE, 2017. 22m50s – 23m01s.

futuro ameaçador e que via de regra desenvolvem cenários pós-apocalípticos, totalitários ou sombrios.⁷

Conforme observa Hilário, utopia e distopia são noções imbricadas, de modo que a segunda desvela possibilidades danosas latentes nos êxitos humanos alardeados pela primeira sob cores predominantemente positivas. A distopia dispara um sinal de alerta, antecipando eventuais riscos que determinadas tendências em curso no presente potencialmente abriguem.⁸ A própria Margaret Atwood, em entrevista, já explicou as condições socioculturais que serviram como referência para sua obra:

Nos anos 1970, houve muitas conquistas. Muitas leis foram alteradas, as mulheres ganharam mais direitos.

Nos anos 80, quando eu escrevi *O Conto da Aia*, houve um momento de recuo. O direito religioso fazia parte desse revés nos Estados Unidos e conseguiu derrotar a Emenda dos Direitos Iguais (que busca incluir a igualdade de gênero na Constituição).

Escrevi o livro para fazer várias perguntas, por exemplo: se os Estados Unidos tivessem um totalitarismo ou uma ditadura, de que tipo seria? Seria comunista? Seria chamada de fascista? Não, seria religiosa.⁹

Baseando-se nessa perspectiva, enquanto texto assumido como referencial absoluto de autoridade religiosa e social por diversos grupos religiosos, a Bíblia representaria um perigo para as liberdades democráticas conquistadas na história ocidental recente. Todavia a autoridade da Bíblia constituiria a verdadeira ameaça? Ou será que o problema residiria na interpretação acerca do significado dessa autoridade?

A AUTORIDADE DA BÍBLIA AO LONGO DA HISTÓRIA

Os primeiros quatro séculos da Era Cristã foram marcados pela presença oral do conteúdo bíblico, sobretudo o de origem apostólica, transmitido pelas primeiras testemunhas e basilar para orientação da vida social e cultural das comunidades cristãs. Com o passar das décadas, viu-se a necessidade de uma estabilização, o que daria origem ao compilado bíblico. “O que mais contribuiu para essa fixação foram: a fixação literária da tradição evangélica, a coleção de cartas paulinas e da formulação das afirmações básicas da fé na confissão batismal.”¹⁰ Mais tarde, a conversão do imperador Constantino deu “carta branca” para um enlace entre a política romana e o Cristianismo. Nos rumos da institucionalização, a Igreja Cristã passou de instituição perseguida a religião oficial do Império Romano com Teodósio (378-395 EC) e, gradativamente, as Escrituras saíram das mãos das comunidades, ficando restritas às figuras de autoridade religiosa, a saber, os bispos.

⁷ BARROS, José D’Assunção. A Cidade-Cinema expressionista: uma análise das distopias urbanas produzidas pelo Cinema nas sete primeiras décadas do século XX. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 161-177, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/18174/12485>>. Acesso em: 7 dez. 2020. p. 163s.

⁸ HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 7 dez. 2020. p. 205s.

⁹ ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood, autora de ‘O Conto da Aia’: ‘Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa’. Entrevista a Ana Pais. *BBC News*, 9 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

¹⁰ DREHER, Martin N. *História do Povo de Jesus: Uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 37.

A Idade Média trouxe uma percepção de Igreja e sociedade em que tudo se fundia em um só corpo, chamado também de *corpus Christianum*, ou seja, comunidade política cristã.¹¹ O clero, constituído em grande parte por nobres, contribuía para compreensão de que existia um abismo entre Deus e as pessoas mais humildes, além de deixar margem para o entendimento de que a Bíblia teria alguma influência reguladora nas sociedades medievais. Em diversos momentos, as Escrituras foram instrumento de exploração do povo camponês, utilizadas, inclusive, para orientar a forma de tributação de algumas regiões. Segundo Raymund Kottje, o dízimo estava sendo cobrado “[...] dos produtos da terra e dos animais, segundo as prescrições do Antigo Testamento”.¹²

Com o desenvolvimento da canonística, a Igreja fortaleceu ainda mais suas posições políticas ao buscar demonstrar a lógica e a autoridade incontestável que possuíam “[...] a Bíblia, as decisões teológicas e os ensinamentos da igreja antiga, dos concílios e dos Pais da Igreja [...]”.¹³ Uma vez que a Tradição Apostólica assumia valores até maiores do que as Escrituras, a defesa da Igreja Católica Romana contra a Reforma Protestante, movimento esse fortemente baseado em argumentos e acentos bíblicos, alicerçou-se sobre a infalibilidade do magistério eclesiástico. Transformações aconteceram nas sociedades, mas a resistência da Igreja ao advento da era moderna pôde ser notada com o Concílio de Trento (1545-1563) e, bem mais tarde, confirmada com a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (1907), em que “[...] o Papa Pio X [...] em nome da infalibilidade do magistério, condenará em sua globalidade os ‘erros’ do modernismo”.¹⁴ Esse posicionamento gerara um fechamento das portas da instituição em relação ao mundo. Mais tarde, porém, a encíclica *Divino Afflante Spiritu*, do Papa Pio XII, poria em operação uma atitude renovada, visto que “[...] pôde sobretudo encorajar de modo positivo o uso de métodos modernos para tornar fecunda a compreensão da Bíblia”.¹⁵

As decisões tomadas no Concílio Vaticano II, que aconteceu entre 1962 e 1965, deram prosseguimento ao processo de abertura da Igreja Católica Romana para o diálogo crítico e profícuo com os métodos científicos voltados à compreensão dos textos da antiguidade.¹⁶ Um dos principais documentos redigidos durante o Concílio foi a Constituição *Dei Verbum*, que traz uma nova visão da instituição acerca do lugar da Bíblia na Igreja: uma vez que, nas Sagradas Escrituras, Deus falou através dos humanos, é necessário que o intérprete, para compreendê-las adequadamente, leve em conta os diferentes modos de sentimento e expressão que seus escritores, de acordo com a situação de seu tempo e cultura, manifestaram ao redigi-las. Desse modo, o estudo das Sagradas Escrituras deverá ser a alma da Teologia.¹⁷

A partir da Reforma Protestante e da Revolução Francesa, os pilares da sociedade se reconfiguram. O estreito laço que antes unia Igreja e Estado perdeu força nas sociedades “iluminadas”, ao passo que o mercado ganhou destaque. As mudanças sociais afetaram a relação

¹¹ WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 13.

¹² KOTTJE, Raymund. A Igreja ocidental rumo a uma nova unidade exterior e interior. In: KAUFMANN, Thomas et. al. (Orgs.). *História Ecumênica da Igreja: dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 205.

¹³ DREHER, 2013, p. 161.

¹⁴ TEIXEIRA, Faustino. O Pluralismo Religioso e a Ameaça Fundamentalista. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2, p. 9-24, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21672>>. Acesso em: 15 abr. 2020. p. 17.

¹⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 28.

¹⁶ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2004, p. 32-33.

¹⁷ PAULO VI. Constituição “Dei Verbum” sobre a Divina Revelação, capítulo III, parágrafo 12, e capítulo VI, parágrafo 24. Roma, 18 nov. 1965. In: ALONSO SCHÖKEL, Luis. *A Palavra Inspirada: a Bíblia à luz da ciência da linguagem*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 261, 264.

entre as pessoas e a Igreja porque colocaram em xeque a base sagrada da existência, os valores e os símbolos tradicionais em que as pessoas se agarravam até então.¹⁸ “Os esforços por integridade e estabilidade religiosa também levaram a uma série de movimentos, que se expressaram em ortodoxias, formas de piedade, racionalismos e acabaram levando à Ilustração”.¹⁹ Dentre esses movimentos, chama atenção a atuação da ortodoxia, que defendia uma posição de autoridade suprema da Bíblia, além do ensino de seu conteúdo de forma pura, sem recorrer às tradições eclesiais.²⁰

A secularização separou definitivamente a Igreja e os Estados modernos, mas nem por isso as sociedades ocidentais deixaram de ser religiosas. A recepção dos testemunhos bíblicos, no entanto, tornou-se cada vez mais plural. Se, para muitos e muitas, a Bíblia assumiu um papel relevante na vida individual e comunitária, outras pessoas viam sua normatividade como nociva. Algumas interpretações mais extremas do livro sagrado favoreceram uma postura desconfiada, propensa a enxergar “[...] em tal tentativa o reavivar do autoritarismo, legitimador da inquisição e das cruzadas contra hereges e incrédulos, com o conhecido saldo de vítimas ao longo da história”.²¹ Um exemplo que ajuda a entender esse temor é a forma como a “bancada evangélica” tem aproximado do Estado brasileiro, por sua atuação parlamentar, a moral pregada em suas respectivas igrejas.²²

Neste ponto, cabe assinalar o crescimento hodierno do fundamentalismo, que tem alguns de seus elementos presentes em todas as religiões. Acerca disso, Teixeira esclarece:

O fenômeno do fundamentalismo [...] implica, de fato, a realidade de uma “tradição sitiada”. Diante da ameaça globalizadora, ele reage com a afirmação tradicional da tradição. Rejeita-se todo e qualquer engajamento dialogal com a modernidade, bem como qualquer possibilidade de reflexividade da tradição. Na raiz do fundamentalismo, há o sentimento de insegurança, desorientação ou anomia resultantes de uma dinâmica modernizadora e a busca desenfreada por um fundamento seguro. Torna-se intolerável para os fundamentalistas a possibilidade de esvaecimento de seus valores tradicionais. Reagem ao abalo provocado pelas crises do mundo moderno em suas comunidades de fé e em suas convicções básicas. Como medidas de contra-ataque, recusam todos os vetores associados à lógica moderna: a hermenêutica, o pluralismo, o relativismo, a evolução e o desenvolvimento; e reforçam os canais de solidariedade grupal.²³

Uma ilustração trazida por esse autor chama atenção pela proximidade com a realidade distópica de *The Handmaid's Tale*. Trata-se de uma espécie de slogan visto frequentemente nas correntes mais extremistas do Islã: “A nossa Constituição é o Corão [livro sagrado dos muçulmanos]”.²⁴ Na série, a Bíblia é estabelecida como Constituição, norma máxima da sociedade. A “Cerimônia” exhibe as violentas consequências de se adotar uma cosmovisão como exclusiva e

¹⁸ WACHHOLZ, 2010, p. 14.

¹⁹ DREHER, 2013, p. 389.

²⁰ DREHER, 2013, p. 392.

²¹ BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias, significados, fundamentos*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2012. p. 85.

²² Para um aprofundamento da questão, veja PRANDI, Reginaldo; DOS SANTOS, Renan William. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 187-213, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702017000200187&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2020.

²³ TEIXEIRA, 2007, p. 14.

²⁴ TEIXEIRA, 2007, p. 19.

invalidar as que não compartilham das mesmas ideias. O ritual previsto por lei é uma expressão do fundamentalismo associado ao poder do governo que, no caso de *The Handmaid's Tale*, resulta em uma ditadura teocrática, especialmente nociva para as mulheres e para o grupo LGBTQIA+. ²⁵

No panorama histórico que acabamos de expor, ficou claro que a autoridade da Bíblia não esteve forçosamente associada a formas autoritárias de governo eclesiástico ou político. Como preocupação fundamental que perpassa a História da religião cristã, parece sobressair o uso da Bíblia destinado à orientação espiritual para a vida, tanto individual quanto comunitária. É igualmente certo que, sem uma reflexão a partir da sua pluralidade e historicidade, o manejo da Bíblia poderá trazer riscos não só para as comunidades religiosas que a utilizam, mas também para toda a humanidade.

Na República de Gileade, a “Cerimônia” era um ritual violento contra as mulheres, principalmente as aias, que acontecia mensalmente a partir da leitura de Gênesis 30.1-8. Considerando a exigência hermenêutica de interpretar os textos bíblicos em seus contextos históricos e culturais de produção, julgamos apropriado realizar um breve estudo dessa perícopa.

EXEGESE DE GÊNESIS 30.1-8

Em termos metodológicos, percorreremos estes passos da exegese histórico-crítica: proposta de tradução do texto hebraico massorético (doravante TM), análise literária, análise da autoria e datação, análise de vocabulário e análise teológica. Começemos com uma proposta de tradução do TM. ²⁶

	Texto Hebraico Massorético	Tradução
aα1	<i>wattēre' rahēl</i>	E tendo visto Raquel
aα2	<i>kî lō' yāldâ l^eya'āqōb</i>	que não gerava [filhos] para Jacó,
aβ	<i>watt^eqannē' rahēl ba'āḥōtāh</i>	sentiu Raquel ciúmes de sua irmã.
bα	<i>wattō'mer 'el-ya'āqōb hābā-llî bānîm</i>	E ela disse a Jacó: – Dá-me filhos,
bβ	<i>w^e'im-'ayin mētâ 'ānōkî</i>	se não eu morro!

²⁵ É interessante mencionar aqui, como duas das características da leitura fundamentalista da Bíblia apontadas por Zabatiere, o moralismo e o individualismo. Enquanto o primeiro se vincula ao sistema de concepções morais que é próprio de determinada classe média estadunidense, o segundo faz prevalecer a intenção do leitor na interpretação. ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Hermenêuticas da Bíblia no mundo evangelical*. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). *Hermenêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora UCG, 2006. p. 62s. A moral de uma classe social condicionando a interpretação bíblica aos seus interesses: essa é uma descrição precisa do governo da República de Gileade.

²⁶ O TM provém de ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Editio funditus renovata. Vierte verbesserte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990. A tradução foi realizada com o auxílio de duas obras: KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*. 10. ed. ampliada. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2015 e KIRST, Nelson et al. (Orgs). *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 30. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015. O sistema de transliteração adotado encontra-se em HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. xii-xviii. Há apenas um caso de variante textual (v. 8aβ), o qual não representa alteração grave de sentido.

a	<i>wayyihar-’ap ya’ăqōb b^erahēl</i>	E inflamou-se a ira de Jacó contra Raquel,
	<i>wayyô’mer</i>	e ele disse:
bα1	<i>hătáhat ’ēlōhîm ’ānōkî</i>	– Em lugar de Deus [estou] eu,
bα2	<i>’āsher-māna’ mimmek p^erî-báten</i>	o qual negou um fruto do ventre [vindo]
bβ	<i>wattô’mer</i>	de ti?
aα	<i>hinnēh ’ămâtî bilhâ bō’ ’ēleyhā</i>	E ela disse:
aβ	<i>w^etēlēd ’al-birkay</i>	– Vê minha serva, Bila! Entra nela,
bα	<i>w^e’ibbāneh gam-’ānōkî mimmennâ</i>	para que ela conceba sobre meus
bβ	<i>wattitten-lô ’et-bilhâ shiphātāh</i>	joelhos,
a	<i>l^e’ishshâ</i>	para que também seja eu edificada por
b	<i>wayyābō’ ’ēleyhā ya’ăqōb</i>	ela.
a	<i>wattáhar bilhâ</i>	E ela lhe deu Bila, a criada dela, por
b	<i>wattéled l^eya’ăqōb bēn</i>	mulher,
aα	<i>wattô’mer rahēl dānānnî ’ēlōhîm</i>	e entrou nela Jacó.
aβ	<i>w^egam shāma’ b^eqōlî</i>	E concebeu Bila,
aγ	<i>wayyitten-lî bēn</i>	e gerou um filho para Jacó.
b	<i>’al-kēn qār’â sh^emô dān</i>	E disse Raquel: – Julgou-me Deus,
aα	<i>wattáhar ’ôd</i>	e, além disso, deu ouvidos à minha voz,
aβ	<i>wattéled</i>	e deu-me um filho!
aγ	<i>bilhâ shiphāt rahēl</i>	Por essa razão, ela chamou o nome dele
b	<i>bēn shēnî l^eya’ăqōb</i>	Dã.
aα	<i>wattô’mer rahēl</i>	E concebeu novamente,
aβ	<i>naptûlê ’ēlōhîm niptáltî ’im-ăhōtî</i>	e gerou
aγ	<i>gam-yākólî</i>	Bila, criada de Raquel,
b	<i>wattiqrā’ sh^emô naptālî</i>	um segundo filho para Jacó.
aα		E disse Raquel:
aβ		– As lutas de Deus eu lutei com minha
b		irmã e prevaleci!
		E ela chamou o nome dele Naftali.

Na análise literária, faremos apontamentos sobre a estrutura textual e o gênero literário a que pertence a perícopo, buscando identificar seu possível ambiente vital e, conseqüentemente, a intencionalidade por trás da redação.

Reconhecem-se três blocos. O primeiro (30.1-2) introduz a situação problemática de Raquel. Além da posição de desvantagem em relação a sua irmã, primeira esposa do patriarca, amargava também o fato de Lia já haver concebido herdeiros para a família. O segundo bloco (30.3-4) narra uma tentativa de reversão daquele quadro dramático: Raquel se vale de uma prática já vista nas narrativas sobre os ancestrais Abraão e Sara (Gênesis 16.1-4), entregando ao marido a serva dela, a fim de que tivesse relações sexuais com ele e concebesse um filho para sua senhora. Por fim, o terceiro bloco (30.5-8) expõe o resultado exitoso da intervenção de Raquel. Bila, sua serva, engravidara duas vezes de Jacó, dando à luz dois meninos, a quem Raquel chamou Dã (“juiz”) e Naftali (“minha luta”).

No tocante ao gênero literário, a narrativa criada em torno do drama das mulheres da casa de Jacó tem a ver com a composição de algo que Athalya Brenner afirma ser o paradigma do “Nascimento do Herói”.

As circunstâncias difíceis envolvendo as histórias do nascimento e da infância servem, é claro, para realçar os elementos miraculosos do processo pelo qual o futuro herói tenta atingir a maturidade: quanto mais severas as circunstâncias descritas, mais impressionantes os resultados.²⁷

O paradigma do “Nascimento do Herói” segue basicamente estes passos: a) uma mulher de origem nobre tem dificuldades de gerar filhos na maior parte da vida; b) recebe a revelação divina de que conceberá; c) a notícia traz incredulidade, mas, ao mesmo tempo, desperta a ansiedade de buscar formas alternativas de ter o filho; d) por fim, num determinado tempo, a criança nasce e vem a ser um destaque naquele contexto. As eventuais dificuldades que atravessa na juventude aumentam seu prestígio²⁸.

Em seu desespero, Raquel, como Sara, apela “[...] para a legislação e os costumes da época, que permitiam à patroa entregar sua escrava ao marido para conseguir um filho. Na região mesopotâmica era comum esta prática, para garantir a descendência”.²⁹ A lei mencionada vem da sessão 146 do código promulgado pelo rei Hamurábi da Babilônia (1792-1750 AEC):

Quando um senhor desposar uma hierodula, e ela der ao seu marido uma escrava, e esta, então, der à luz filhos, se, mais tarde, essa escrava, por ter dado à luz filhos, reivindicar equidade em relação à sua ama, esta não poderá vendê-la; ela poderá marcá-la com a marca de escravo e contá-la entre os escravos (tradução nossa).³⁰

²⁷ BRENNER, Athalya. Comportamento social feminino: dois modelos descritivos dentro do paradigma do “nascimento do herói”. In: _____ (Org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 225.

²⁸ BRENNER, 2000, p. 228.

²⁹ BRANCHER, Mercedes. Dos olhos de Agar aos olhos de Deus: Gênesis 16,1-16. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n. 25, fasc. 3, 1996. p. 13.

³⁰ *When a seignior married a hierodule and she gave a female slave to her husband and she has then borne children, if later, that female slave has claimed equality with her mistress because she bore children, her mistress may not sell her; she may mark her with the slave-mark and count her among the slaves*. MEEK, Theophile J. *The Code of Hammurabi*. In: PRITCHARD, James B. (Ed.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969. p. 172.

Entre as narrativas dos patriarcas, Gênesis 16.1-4a e Gênesis 30.1-8 configuram histórias paralelas. Na tabela abaixo, assinalam-se os elementos literários que acusam a proximidade com o paradigma do “Nascimento do Herói”.

Elementos estruturais	Tradução de Gênesis 16.1-4a	Tradução de Gênesis 30.1-5
Mulher de origem nobre constata infecundidade	¹ E Sarai, a mulher de Abrão, não gerava [filhos] para ele . E havia uma escrava egípcia dela, cujo nome era Agar. ² E disse Sarai a Abrão: – Vê, impediu-me YHWH de gerar [filhos] .	¹ E tendo visto Raquel que não gerava [filhos] para Jacó , sentiu Raquel ciúmes de sua irmã. E ela disse a Jacó: – Dá-me filhos, se não eu morro! ² E inflamou-se a ira de Jacó contra Raquel, e ele disse: – Em lugar de Deus [estou] eu, o qual negou um fruto do ventre [vindo] de ti?
A mulher sugere que sua serva tenha filhos por ela	Entra em minha escrava. Talvez eu seja edificada por ela. E deu ouvidos Abrão à voz de Sarai.	³ E ela disse: – Vê minha serva, Bila! Entra nela, para que ela conceba sobre meus joelhos, para que também seja eu edificada por ela.
Marido aceita a proposta, tem relações com a serva e ela concebe	³ E tomou Sarai, a mulher de Abrão, Agar, a egípcia, serva dela, após dez anos da habitação de Abrão na terra de Canaã, e deu-a para Abrão, seu homem, como mulher para ele. ⁴ E ele entrou em Agar, e ela concebeu.	⁴ E ela lhe deu Bila, a criada dela, por mulher, e entrou nela Jacó. ⁵ E concebeu Bila, e gerou um filho para Jacó.

Ao tentarmos entender o ambiente vital em que se deu forma e sentido àquelas tradições que hoje compõem o livro de Gênesis, chegamos à situação da Palestina após o período do exílio. Segundo Mario Liverani, o retorno dos exilados trouxe conflitos de ideias e de propriedades.³¹ Ao regressarem às suas regiões de origem, suas propriedades já haviam sido ocupadas pelos grupos remanescentes. Dessa situação surgiu a dúvida: como provar de quem realmente eram as terras?

Como no plano pessoal era importante aduzir títulos de propriedade ou pelo menos genealogias familiares detalhadamente para cada clã e vila, assim toda a operação do retorno dos sobreviventes devia-se basear na capacidade deles de se referir a respeitáveis tradições que atribuíssem a terra de Canaã às tribos de Israel e que identificassem como legítimos herdeiros das tribos os núcleos dos sobreviventes e não as comunidades dos remanescentes.³²

Uma estratégia utilizada por aqueles que voltaram para provar suas posses, em especial aqueles que não defendiam radicalmente o extermínio dos povos remanescentes, mas sim a coexistência com eles, foi a apresentação do “mito fundante” dos patriarcas. As pessoas se apoiavam na jornada do patriarca Abraão, que também fora recém-chegado à terra de Canaã, vindo cumprir uma promessa de Deus ali³³. Albert de Pury declara que o próprio ciclo de Jacó (Gênesis 25 – 36)

³¹ LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008. p. 318.

³² LIVERANI, 2008, p. 318.

³³ LIVERANI, 2008, p. 318-321.

[...] explica tudo aquilo que deve ser explicado: o nascimento ou as origens de Israel, a existência de Israel como conjunto tribal, estruturado ao sabor de suas configurações genealógicas sutis e evolutivas, seu direito ao território nas montanhas da Palestina central, seus principais santuários (Siquém, Betel, Penuel, Maanaim), suas convenções de intercasamento com as tribos aramaicas, suas relações mais ou menos conflituosas com tal grupo vizinho (Esaú) ou tal cidade (Siquém).³⁴

Diretamente associada ao ambiente vital é a análise do lugar, a qual envolve os problemas da autoria e da datação. Albert de Pury evidencia a presença de duas versões na base do ciclo de Jacó: a mais antiga (JE, jeovista) e a mais recente (P, sacerdotal), que partilham uma estrutura fundamental. Entretanto, a versão de P é desprovida do tom vibrante proporcionado por vários episódios somente encontrados na versão JE (luta no ventre de Rebeca, roubo da bênção de Isaque, disputas com Labão, a luta com Deus, etc.), alguns dos quais mencionados em Oseias 12, sugerindo a existência de uma tradição oral autônoma já conhecida no Reino do Norte durante o século VIII AEC. Foi provavelmente o redator sacerdotal, no período pós-exílico, que integrou a história do ancestral clânico a um amplo projeto literário de apresentação dos começos de Israel como povo de YHWH e portador de uma vocação.³⁵

Para a análise de vocabulário, examinaremos o substantivo *bérek* (“joelho”), que aparece na expressão contida em 30.3ba: *w^etēlēd ‘al-birkay* (“para que ela conceba sobre meus joelhos”). Das 25 ocorrências no Antigo Testamento³⁶, a palavra é empregada em seis ocasiões para descrever um gesto de amparo de uma criança (após o nascimento ou não) pela mãe ou outro parente (Gênesis 30.3; 48.12; 50.23; 2Reis 4.20; Isaías 66.12; Jó 3.12; cf. uma expressão correlata em Rute 4.16). Segundo Roland de Vaux, tratava-se de um rito jurídico de adoção, restrito, porém, ao interior da família.³⁷ Victor P. Hamilton também entende como um procedimento de adoção o ato de Raquel entregar Bila a Jacó para que ela gere filhos para a matriarca. O autor ainda assinala a raiz hebraica comum do substantivo “joelho” e do verbo “abençoar”, o que sugeriria um desejo de Raquel de poder acolher em seus joelhos um pouco da bênção que Jacó carregava.³⁸

Em termos teológicos, como ressalta De Pury, o Deus de Israel que vemos no ciclo de Jacó não é ainda um chefe guerreiro ou um legislador exigente e exclusivo, mas uma divindade bem próxima aos clãs que a têm como protetora. Inclusive, o retrato negativo de Jacó contido em Oseias 12 poderia ser explicado justamente pela ausência do rigorismo próprio da religiosidade posterior de YHWH.³⁹

No caso da perícopes estudada, notamos, pois, um Deus que está a par dos acontecimentos familiares e tenta intervir para a promoção de justiça, ou, pelo menos, por compaixão. Diz-se que Deus via a decepção de Lia, desqualificada como primeira esposa por causa de Raquel (Gênesis 29.31). Sendo assim, tornou estéril a irmã mais nova e permitiu que Lia engravidasse do patriarca, a fim de que este se alegrasse com a esposa e a relação entre ambos pudesse melhorar. Conforme

³⁴ DE PURY, Albert. Gênesis 12-36. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 181.

³⁵ DE PURY, 2010, p. 179-185.

³⁶ Gênesis 30.3; 48.12; 50.23; Deuteronômio 28.35; Juizes 7.5, 6; 16.19; 1Reis 8.54; 18.42; 19.18; 2Reis 1.13; 4.20; Isaías 35.3; 45.23; 66.12; Ezequiel 7.17; 21.12; 47.4; Naum 2.11; Salmos 109.24; Jó 3.12; 4.4; Daniel 10.10; Esdras 9.5; 2Crônicas 6.13. LISOWSKI, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. Stuttgart: Privileg. Württ. Bibelanstalt, 1958. p. 287-288.

³⁷ DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 75.

³⁸ HAMILTON, Victor P. *The book of Genesis: chapters 18-50*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995. p. 270s.

³⁹ DE PURY, 2010, p. 181-184.

aponta Claus Westermann, as relações familiares “[...] estão fundadas na atuação de Deus e são preservadas por ela. Isso se manteve assim em todos os estágios da religião de Israel”.⁴⁰

DO CLÃ DOS PATRIARCAS ÀS FAMÍLIAS DA REPÚBLICA DE GILEADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA BÍBLIA NO ATO DA “CERIMÔNIA”

Em Gênesis, o drama de Raquel tem início na disputa com sua irmã pelo amor de Jacó e o prestígio social. Ao que tudo indica, gerar vida em meio a uma crise mundial de infertilidade, como retratada na série, também garantiria estima às famílias. Lia e Raquel eram irmãs e ambas casadas com o patriarca. Lia era a mais velha, primeira esposa e uma mulher fértil, dando 7 filhos biológicos a Jacó. Raquel, segunda esposa, mais jovem, era infértil. “Raquel se considera morta, a menos que conceba (Gênesis 30.1) e, como Sara, oferece sua criada ao marido.”⁴¹ Assim, entrega sua serva Bila para que tenha filhos por ela. Todas as circunstâncias e os papéis são reformulados e adaptados na sociedade de Gileade a partir da narrativa bíblica. Sob tal manipulação, é instituída uma prática brutal: o estupro da aia.

A proteção de cada indivíduo na época dos patriarcas e matriarcas repousava na família, portanto, garantir a continuidade daquele ponto de apoio era a necessidade que se sobrepunha a qualquer desejo ou objeção pessoal de seus membros. Na série, essa necessidade parece se sobrepôr a qualquer concepção de dignidade do ser humano desenvolvida nas sociedades pré-crise. Um problema, a princípio, familiar como a impossibilidade de conceber tomava contornos jurídicos quando as matriarcas se valiam da lei vigente na época para resolver o problema de sucessão na família. Não ter herdeiros era também um problema de ordem patrimonial.⁴² No entanto, a exegese indica ainda que a intenção de quem se debruçou sobre o “mito fundante” foi a de defender a coexistência de diferentes clãs, não o extermínio de um pelo outro. Na República de Gileade, vemos uma abordagem distinta, com a supressão do sistema de governo anterior e escravização de seus cidadãos e cidadãs, em especial as mulheres.

Para Raquel e Lia, ter filhos significava a segurança de continuidade de seus clãs, a legitimação de sua importância enquanto mãe dos herdeiros, e, por fim, um sinal de poderio de sua família e de seu Deus. Tratava-se de uma questão de expressão política, econômica e religiosa. De semelhante modo, a República de Gileade também parecia se gabar dos frutos de sua nação em relação às demais por conseguir “contornar” a situação de risco para a espécie humana. Por mais que as famílias de Gileade, submetidas à jurisdição da Bíblia, tentassem reproduzir a forma de organização da vida no formato patriarcal, sua iniciativa se mostrava um grave atropelo e desconsideração de todos os ganhos históricos em relação aos direitos humanos, principalmente para as mulheres. Pela distância temporal, cultural, econômica, política e até mesmo geográfica demonstrada na exegese, o esforço dos líderes de Gileade para reconstituir o cenário bíblico dos patriarcas na contemporaneidade mostrava-se terrivelmente equivocado.

A leitura que Gileade fazia da Bíblia era considerada oficial e a única verdadeira, destruindo qualquer outra visão, além de seus divulgadores. Não havia espaço para ideias diferentes e o preço

⁴⁰ WESTERMANN, Claus. *O livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2013. p. 115.

⁴¹ BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário da narrativa bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 135-136.

⁴² CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. *Um estudo da autoridade feminina e da dignidade dos filisteus à luz de Gênesis 20,1-18*. 2001. 163 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001. p. 34-35.

que se pagava por uma hermenêutica bíblica extraoficial era a morte. Ao redigir a história da trama, Margaret Atwood parecia querer evidenciar justamente os caminhos a que uma leitura exclusivista dos conteúdos religiosos poderia conduzir a humanidade. A forma de interpretação da Bíblia que se apresenta no enredo da série está ligada a uma visão literalista do texto sagrado. Fora do universo da série, na “vida real”, vemos algo parecido no fundamentalismo.

A abordagem fundamentalista é perigosa, pois ela é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida. [...] O fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento. Ele coloca na vida uma falsa certeza, pois ele confunde inconscientemente as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem.⁴³

Nessa direção, Brakemeier observa que, embora a Bíblia represente um testemunho plural, há casos onde se tenta articular algum tipo de auxílio para alcançar certa unidade nos discursos teológicos. Um exemplo é quando se busca “domesticar” o testemunho bíblico, manipulando-o para que endosse projetos de ordem política, racial, econômica e até mesmo religiosa.⁴⁴ Algo semelhante é o que vemos na República de Gileade. Frente à crise de fertilidade e à iminente destruição da espécie humana, utilizaram-se textos bíblicos como fundamento para um projeto político autoritário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, observamos que, ao longo da Era Cristã, houve profundas transformações na relação entre Igreja e Estado, mudando a forma como as pessoas interagiam com a Bíblia, os documentos doutrinários e as lideranças eclesiais. Além disso, foi possível compreender que, embora, em muitos momentos, a Igreja e o Estado tenham tomado “as rédeas” das sociedades, agindo em conformidade com seus interesses, a autoridade da Bíblia não permaneceu sempre prisioneira de expressões autoritárias de governo, fortalecendo, antes de tudo, a busca individual e comunitária por orientação espiritual para a vida. A linha de governo vista na República de Gileade, em que os portadores do poder político subjugavam a Bíblia às suas intenções totalitárias, deixando de lado os conteúdos e os contextos originários dos textos, assemelha-se principalmente a manifestações próprias do fundamentalismo religioso.

O estudo exegético de Gênesis 30.1-8 conduziu ao entendimento de que, enquanto o interesse do texto bíblico pendia para os âmbitos identitário, religioso e patrimonial de grupos de exilados judaítas que retornavam à Palestina, seu uso pela República de Gileade assumiu um caráter muito mais político e moral, principalmente em prol da sustentação das estruturas de dominação que se estabeleceram no país. Dando prosseguimento às descobertas da exegese, a análise mais aprofundada do rito da “Cerimônia” apontou para possibilidade de o ato ser fruto de uma leitura fundamentalista da Bíblia, emplacada pelos idealizadores do projeto estatal da trama.

O riquíssimo universo religioso criado em *The Handmaid's Tale* oferece à pesquisadora e ao pesquisador da Teologia inúmeras possibilidades de aproximação hermenêutica. Como toda distopia, porém, essa história ecoa uma assombrosa advertência: quando a religião deixa de promover a vida livre de indivíduos e comunidades, ela pode estar a um passo de gerar filhos para a escravidão e a morte.

⁴³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2004, p. 86.

⁴⁴ BRAKEMEIER, 2012, p. 29.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood, autora de 'O Conto da Aia': 'Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa'. Entrevista a Ana Pais. BBC News, 9 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BARROS, José D'Assunção. A Cidade-Cinema expressionista: uma análise das distopias urbanas produzidas pelo Cinema nas sete primeiras décadas do século XX. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 161-177, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/18174/12485>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BRAKEMEIER, Gottfried. A autoridade da Bíblia: controvérsias, significados, fundamentos. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2012.

BRANCHER, Mercedes. Dos olhos de Agar aos olhos de Deus: Gênesis 16,1-16. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n. 25, fasc. 3, p. 11-29, 1996.

BRENNER, Athalya. A mulher israelita: papel social e modelo literário da narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

BRENNER, Athalya. Comportamento social feminino: dois modelos descritivos dentro do paradigma do "nascimento do herói". In: _____ (Org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 225-244.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. Um estudo da autoridade feminina e da dignidade dos filisteus à luz de Gênesis 20,1-18. 2001. 163 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.

DE PURY, Albert. Gênesis 12-36. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 168-194.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DREHER, Martin N. *História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Editio funditus renovata. Vierte verbesserte Auflage*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

HAMILTON, Victor P. *The book of Genesis: chapters 18-50*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

KELLEY, Page H. *Hebraico Bíblico: uma gramática introdutória*. 10. ed. ampliada. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2015.

KIRST, Nelson et al. (Orgs.). *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 30. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015.

KOTTJE, Raymund. A Igreja ocidental rumo a uma nova unidade exterior e interior. In: KAUFMANN, Thomas et al. (Orgs.). História Ecumênica da Igreja: dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Loyola, Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2012.

LISOWSKI, Gerhard. Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament. Stuttgart: Privileg. Württ. Bibelanstalt, 1958.

MEEK, Theophile J. The Code of Hammurabi. In: PRITCHARD, James B. (Ed.). Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969.

PAULO VI. Constituição “Dei Verbum” sobre a Divina Revelação. Roma, 18 nov. 1965. In: ALONSO SCHÖKEL, Luis. A Palavra Inspirada: a Bíblia à luz da ciência da linguagem. São Paulo: Loyola, 1992. p. 258-264.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A interpretação da Bíblia na Igreja. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PRANDI, Reginaldo; DOS SANTOS, Renan William. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. Revista Tempo Social, São Paulo, v. 29, n. 22, p. 187-213, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702017000200187&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2020.

TEIXEIRA, Faustino. O Pluralismo Religioso e a Ameaça Fundamentalista. Revista Numen, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2, p. 9-24, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21672>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

THE HANDMAID’S TALE. Roteiro: Bruce Miller. Intérpretes: Elisabeth Moss, Yvonne Strahovski, Joseph Fiennes e outros. Los Angeles, CA: Hulu, 2017. Episódio piloto da 1ª temporada: Offred (57 min), son., color. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7363621/programa/?s=57m33s>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

WACHHOLZ, Wilhelm. História e Teologia da Reforma. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WESTERMANN, Claus. O livro do Gênesis: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2013.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêuticas da Bíblia no mundo evangelical. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (Orgs.). Hermenêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora UCG, 2006. p. 61-74.